



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO -  
ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA

Ana Maria Prust

**REFLEXÕES ACERCA DO PERCURSO DA FORMAÇÃO DOCENTE NO CURSO  
DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: NARRATIVA AUTO BIOGRÁFICA**

Florianópolis/Alfredo Wagner

2023

Ana Maria Prust

**REFLEXÕES ACERCA DO PERCURSO DA FORMAÇÃO DOCENTE NO CURSO  
DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: NARRATIVA AUTO BIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo - Área de Ciências da Natureza e Matemática, do Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Beatriz B. C. Hanff

Florianópolis/Alfredo Wagner

2023

## Ficha de identificação da obra

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Prust, Ana Maria

REFLEXÕES ACERCA DO PERCURSO DA FORMAÇÃO DOCENTE NO  
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: NARRATIVA AUTO BIOGRÁFICA /  
Ana Maria Prust ; orientadora, Beatriz Bittencourt Collere  
Hanff, 2023.

56 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
da Educação, Graduação em Educação do Campo, Florianópolis,  
2023.

Inclui referências.

1. Educação do Campo. 2. Formação Docente. 3. Educação do  
Campo. 4. Pedagogia da Alternância. I. Bittencourt Collere  
Hanff, Beatriz. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Graduação em Educação do Campo. III. Título.

Ana Maria Prust

## **REFLEXÕES ACERCA DO PERCURSO DA FORMAÇÃO DOCENTE NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: NARRATIVA AUTO BIOGRÁFICA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado em Educação do Campo - Área de Ciências da Natureza e Matemática” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Área de Ciências da Natureza e Matemática

Florianópolis/Alfredo Wagner, 20 de dezembro de 2023.

### **Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Beatriz Bittencourt Collere Hanff  
(Orientadora) UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natacha Eugênia Janata  
Avaliador(a) UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gabriela Furlan Carcaioli  
Avaliador(a) UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Graziela Del Monaco  
Avaliador(a) Suplente UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Beatriz Bittencourt Collere Hanff  
Coordenadora do Curso de  
Licenciatura em Educação do Campo UFSC

Dedico este trabalho a minha família, sem o apoio e incentivo deles não teria sido possível a conclusão deste curso. E a todos os meus professores que de alguma forma ajudaram a trilhar o meu caminho até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus pelo Dom da vida.

A minha família em especial a meus pais Waldini e Ireni que me deram o dom da vida e me guiaram por longos anos no caminho da educação. Ao meu esposo Jhonatan pela sua paciência e compreensão nos momentos que estive ausente me dedicando aos estudos. Aos meus irmãos Carlos Alberto e Carlos Roberto que mesmo distantes sempre me apoiaram. E ao meu filho Heitor, que mesmo tão pequenino foi paciente e entendeu a minha ausência em muitos momentos.

Agradeço imensamente a Professora Dra. Beatriz (Bia) Hanff, pela dedicação e comprometimento na elaboração deste trabalho, assim como também se dedicou durante todo o percurso acadêmico, sempre nos incentivando e valorizando os nossos conhecimentos, compreendendo nossas aflições e se adequando as nossas realidades. A ela e aos demais professores do curso que não mediram esforços para com toda a turma, o meu muito obrigado.

Minha gratidão a todos os professores que contribuíram de alguma forma na construção do meu aprendizado desde o ensino básico até a vida acadêmica.

Gratidão também aos meus colegas de turma por estes anos de lutas e conquistas, de muitos momentos de realizações e aprendizados, de aflições e angústias que foram divididas, sempre um ancorando o outro.

A todos, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo de refletir sobre o processo de construção da formação para o exercício da docência ao longo do meu percurso escolar na educação básica e no curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática. Pensar na Educação do Campo é refletir sobre a prática social e as demandas educacionais dos sujeitos do campo, considerando suas particularidades, como a diversidade cultural, a relação com a terra e a agricultura familiar. Dentro desse contexto, o curso de Licenciatura da Educação do Campo na UFSC busca formar profissionais capazes de trabalhar de forma integrada com as especificidades do campo, promovendo a valorização do conhecimento local e o desenvolvimento sustentável das comunidades. O objetivo do trabalho é fazer reflexões acerca do processo de construção da docência no curso de Educação do Campo articulando formação à realidade do território. A temática escolhida é de grande relevância, uma vez que se refere às políticas e práticas educacionais voltadas para as comunidades rurais, agrícolas e, principalmente, aos jovens do campo. No decorrer da história, a educação do campo passou por transformações significativas, buscando sempre atender às necessidades específicas das comunidades, enxergando a realidade local e garantindo o acesso a uma educação de qualidade. No decorrer deste trabalho será destacado algumas, lutas, conquistas marcos históricos e políticas educacionais implementadas ao longo dos anos. Assim como as mudanças que ocorreram até os dias atuais, decorrentes dos aspectos sociais, econômicos, culturais e necessidades, dependendo da realidade do meio rural que ali estava inserida. Para isso, utilizou-se da pesquisa bibliográfica sobre a educação do campo e o resgate da memória do percurso realizado no curso de Educação do Campo. O curso implantado no município de Alfredo Wagner utilizou de abordagem pedagógica, voltada à pedagogia da alternância. Nessa perspectiva, foi possível acompanhar reflexões produzidas nos períodos de alternância (tempo universidade e tempo comunidade) sobre a realidade do território, das escolas e nos processos pedagógicos em sala de aula. Também as reflexões acerca das possibilidades de integração dos conhecimentos populares (saberes acumulados), o conhecimento sistematizado (conhecimento científico) e a realidade do campo.

**Palavras-Chave:** Formação docente; Educação do Campo; Pedagogia da Alternância.

## ABSTRACT

This course completion work aims to reflect on the process of building training for teaching throughout my school career in basic education and in the Degree course in Rural Education: Natural Sciences and Mathematics. Thinking about Rural Education means reflecting on the social practice and educational demands of rural subjects, considering their particularities, such as cultural diversity, the relationship with the land and family farming. Within this context, the Rural Education Degree course at UFSC seeks to train professionals capable of working in an integrated manner with the specificities of the field, promoting the appreciation of local knowledge and the sustainable development of communities. The objective of the work is to reflect on the process of building teaching in the Rural Education course, articulating training with the reality of the territory. The chosen theme is of great relevance, as it refers to educational policies and practices aimed at rural and agricultural communities and, mainly, rural youth. Throughout history, rural education has undergone significant transformations, always seeking to meet the specific needs of communities, seeing the local reality and guaranteeing access to quality education. During this work, some struggles, achievements, historical milestones and educational policies implemented over the years will be highlighted. As well as the changes that have occurred to this day, resulting from social, economic, cultural aspects and needs, depending on the reality of the rural environment that was located there. For this, bibliographical research on rural education was used and the recovery of the memory of the journey taken in the Rural Education course. The course implemented in the municipality of Alfredo Wagner used a pedagogical approach, focused on the pedagogy of alternation. From this perspective, it was possible to follow reflections produced in alternating periods (university time and community time) about the reality of the territory, schools and pedagogical processes in the classroom. Also reflections on the possibilities of integrating popular knowledge (accumulated knowledge), systematized knowledge (scientific knowledge) and the reality of the field.

**Keywords:** Learning, Rural Education, Pedagogy of Alternation, Reflections.



## LISTA DE IMAGENS E FOTOS

Foto 1: Trajeto para a Escola .....	20
Foto 2: Lateral da escola utilizado o espaço para a “horta” .....	35
Foto 3: Lateral da escola após a revitalização da horta .....	36

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. OS PRIMEIROS PASSOS: EDUCANDA, CAMPO E EDUCAÇÃO DO CAMPO.....</b>	<b>16</b>
1.1 BREVE DESCRIÇÃO DO ENSINO BÁSICO DA EDUCANDA E ALGUNS FATOS NAS LUTAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NA DÉCADA DE 90 AO INÍCIO DO PRÓXIMO SÉCULO.....	20
<b>2. O SURGIMENTO DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL.....</b>	<b>26</b>
2.1 O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UFSC .....	27
2.2 A IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE ALFREDO WAGNER .....	28
2.3 O INÍCIO NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO .....	29
2.3.1 Os processos de Vivência no Território e nas Escolas do Campo nos dois primeiros anos do curso .....	31
2.3.2 Os Estágio de Docência nas Séries Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.....	38
<b>3. REFLEXÕES SOBRE O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA A PARTIR DOS CONHECIMENTOS NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO .....</b>	<b>47</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

O referido trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido acerca das reflexões durante o ensino básico como estudante, assim como na formação docente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática, da Universidade Federal de Santa Catarina.

A escolha pelo tema se deu pela importância em refletir sobre o percurso como estudante, resgatando um conjunto de reflexões e contextos, principalmente com a chegada do Curso de Educação do Campo no território de Alfredo Wagner.

Filha de agricultores e vivendo sempre em contato com a agricultura desde criança, aprendi desde cedo a importância de produzir o próprio alimento, assim como a importância de estudar, na qual sempre recebi o apoio dos meus pais. Não frequentei a Educação Infantil, porém carrego na minha memória o empenho de minha mãe, que “mal sabia escrever e ler”, me segurando pela mão e ensinando a fazer as primeiras letras, assim como o meu nome. O pouco estudo que minha mãe teve não foi um empecilho para não tentar me ajudar, seus incentivos, suas falas que esta seria a melhor escolha, sempre me motivaram a seguir pelo caminho dos estudos.

Com a implantação do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática, no município de Alfredo Wagner – SC, abre espaço para um novo caminho a ser trilhado. No início esse percurso foi confuso, cheio de questionamentos, um pouco desacreditada, pois nunca tinha ouvido falar sobre o mesmo. Mas, com o passar do tempo esse paradigma foi sendo desconstruído e novos olhares para a educação do campo foram surgindo e um novo pensamento passou a ser construído.

Atualmente, sou professora da rede estadual de ensino de Santa Catarina e agricultora familiar. A jornada tripla se divide entre a docência, o trabalho na propriedade, e o cuidado com meu filho. Sem dúvida, poderia optar por ser somente professora, mas acredito que o campo fortalece minha identidade de “professora agricultora” e de pertencimento a esse lugar – o território de Alfredo Wagner.

Além do mais, o pertencimento ao campo me aproxima dos meus estudantes no campo da luta, da defesa da agricultura familiar e pela busca de conhecimentos que ganham sentido tanto para mim como para eles.

No decorrer do curso, muitos desafios tiveram que ser vencidos, CIP (tempo comunidade), os primeiros contatos e observações na escola, a entrada para a sala de aula e a prática da docência, a pandemia e a realização do estágio em modo remoto.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática tem como princípio a pedagogia da alternância que combina períodos de estudos teóricos na universidade com períodos de vivência prática nas comunidades rurais. No tempo comunidade, retornamos as nossas comunidades de origem e vivíamos experiências diretamente relacionadas à realidade do campo. Durante esse período, fomos encorajados a compartilhar o conhecimento adquirido na universidade com a comunidade, bem como a observar e participar das práticas agrícolas, culturais e projetos sociais locais. No tempo universidade, retornávamos a nossa sala (instituição de ensino) para aprofundar nossos conhecimentos teóricos, estudar disciplinas específicas relacionadas à Educação do Campo e participar de atividades de pesquisa. Durante esse período, tínhamos a oportunidade de refletir sobre experiências vividas nas comunidades, compartilhá-las com os colegas e receber orientações e retorno dos professores.

Com o término das aulas inicia o desafio de construção do TCC. Foi um período conturbado. Sem clareza do que escrever, cansada, culminou com a perda do meu sogro, uma pessoa jovem, que lutou por um ano contra um câncer. Ficamos abalados, pois ele sempre foi uma pessoa muito presente em nossas vidas. Mas, Deus foi tão generoso que após um mês da sua partida me concebeu a graça de saber que seria mãe de um lindo menino “Heitor”, aos meus 38 anos de idade. Ele sempre será o nosso maior amor e alegria que pode existir.

Após um ano da sua chegada me deparo com a necessidade de fechar o ciclo de formação que me abriu tantas “portas”, que fez que eu transformasse o meu olhar para o campo e para a educação. Enfim, porque então não refletir sobre a minha formação enquanto docente no curso de Educação do Campo?

O objetivo geral desta narrativa e pesquisa bibliográfica é a de refletir sobre o processo de construção da formação para o exercício da docência ao longo do meu percurso escolar na educação básica e no curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática. Dentro desse objetivo geral elenco alguns objetivos específicos como a de: Analisar as experiências vivenciadas na educação básica e identificar como elas influenciaram na minha escolha pela

docência; Refletir sobre os desafios enfrentados no processo de construção da formação para o exercício da docência ao longo do percurso escolar, assim como as lutas pela implantação do curso de Licenciatura em Educação do Campo; Identificar as habilidades e competências desenvolvidas no curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática e como elas contribuem para a minha atuação como docente, dentro do contexto da realidade; Refletir sobre as mudanças ocorridas na minha concepção de ensino ao longo do percurso escolar e acadêmico.

A metodologia adotada é a auto biográfica e a bibliográfica, refletindo sobre as experiências vividas no meu percurso formativo, desde os primeiros passos no ensino básico até os dias de hoje como acadêmica do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática, assim como a contribuição de sujeitos com entrevistas, falas durante o percurso acadêmico.

Assim este TCC se configura como o resultado do desafio de refletir sobre o processo de formação docente. Ele está dividido em três partes.

A primeira parte se constitui no resgate sobre a Educação do Campo, as lutas, conquistas através dos movimentos sociais, fazendo uma reflexão com a vida estudantil da acadêmica. No segundo momento, é feita uma descrição sobre o surgimento das licenciaturas no Brasil, assim como a chegada do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática, no município de Alfredo Wagner. O contato da acadêmica com o mesmo, os percursos trilhados e a realização da pedagogia da alternância nos tempos comunidades, assim como a realização dos estágios nas escolas. E, por fim, no terceiro momento que se constitui em reflexões sobre o exercício da docência a partir dos conhecimentos no curso de Educação do Campo.

## 1. OS PRIMEIROS PASSOS: EDUCANDA, CAMPO E EDUCAÇÃO DO CAMPO

Entre as décadas de 1980 e 1990, após uma história de lutas e reivindicações, algumas conquistas relacionadas a educação dos povos do campo começam a ganhar espaços e promover contornos mais bem delineados no Brasil. Tal proposta é fruto das reivindicações promovidas por entidades, instituições e movimentos sociais como o Movimento Sem Terra (MST), cujo compromisso se apoia na ideia de uma educação transformadora, que considera o campo como lugar de produção de saberes e não só de produção agrícola.

De acordo com Gohn (2001) a década de 1980 foi marcada por detalhes em torno de uma educação para a cidadania e a escola cidadã, os quais contribuíram de forma decisiva para que reivindicações dos trabalhadores fossem consideradas e garantidas na Constituição promulgada em 1988.

Segundo Santos (2017), com a aprovação da Constituição de 1988 e do processo de redemocratização do país, inúmeros debates foram organizados em torno dos direitos sociais da população campestre. Com isso, foram aprovados direitos educacionais bastante significativos, consolidando o compromisso do Estado e da sociedade brasileira na promoção da educação para todos, respeitando as singularidades culturais e regionais.

Nesse mesmo período, mais precisamente no ano de 1984, nasci em Alfredo Wagner, me chamo Ana Maria Prust, sou filha de agricultores que sempre trabalharam com a agricultura familiar. Nessa época meus pais, se dedicavam ao cultivo do tomate e cebola numa pequena propriedade herdada pelos meus avós paternos, aonde, juntamente com minha mãe residimos até hoje. Desde pequena acompanhei meus pais no trabalho do campo, assim como na produção de alimentos como batata, aipim, feijão, leite, ovos, carne, entre outros produtos necessários para o sustento da família.

Por seis anos fui a única filha do casal, que sempre tentaram passar os ensinamentos do campo, assim como a importância dos estudos para a vida futura. Meu pai nasceu em uma família com mais condições financeiras e pode fazer boa parte de sua formação do ensino básico (ensino médio) em outra cidade cursando até a 2ª série do Ensino Médio. Minha mãe veio de uma família com muitos irmãos e uma situação econômica mais precária e não teve essa oportunidade, frequentou até o 3º

ano do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), porém isso não a impediu de dar o suporte necessário, principalmente antes de eu ingressar na escola. Por muitas vezes, esta pegava na minha mão com o lápis e ensinava a fazer as primeiras letras do nosso alfabeto.

A década de 80 é marcada por greves, protestos e muita reivindicações sociais e trabalhistas. É um período de reorganização da política nacional pela volta do direito ao voto direto e a defesa por políticas de inclusão e trabalho. Com isso, a defesa em torno de políticas públicas que reconhecessem e valorizassem uma educação voltada para os povos do campo foi sendo constituída e dando forças bem como sendo reforçada por um movimento chamado Movimento da Educação do Campo no Brasil.

As lutas em torno da garantia dos direitos dos povos do campo, em especial, aquelas travadas e defendidas pelos movimentos sociais, como o movimento sem-terra, a marcha das margaridas, entre outros, abriram espaços para a construção de “novas práticas pedagógicas através da educação popular que motivou o surgimento de diferentes movimentos de educação no campo, nos diversos estados do país. Mas foi na década de 1980 que estes movimentos ganharam mais força e visibilidade”. (II CNEC, 2004).

Neste período, ocorre a organização e a fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), no ano de 1983 e do Movimento Sem Terra (MST), no ano de 1984, que representavam o movimento sindical brasileiro, contando com a participação de trabalhadores rurais. O movimento tinha por objetivo a luta pela reforma agrária no Brasil, contribuindo assim, para uma educação do campo para seu povo. Essas lutas contribuíram com conquistas para esses trabalhadores que foram incluídas na Constituição promulgada em 1988.

Já os anos de 1990 são marcados pelas políticas e práticas neoliberais, assumindo, no campo educacional, a noção de que “só a educação pode salvar o Brasil, escondendo a raiz dos grandes problemas da sociedade que exige mudanças estruturais”. (Queiroz, 2011, p.39).

Assim, no final dos anos 1990, foi possível vivenciar a criação de diversos espaços públicos de debate sobre a educação do campo, em especial no ano de 1997 quando, aconteceu o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em parceria com a Universidade de Brasília (UNB), o Fundo das Nações Unidas para

a Infância (Unicef), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). (MUNARIM e SCHMIDT, 2013, p.57). Tal encontro constitui-se como um espaço de apresentação pública das experiências formativas e educativas promovidas pelo MST, bem como um espaço de luta e reivindicação pelo acesso ao direito de estudar no campo em condições dignas, tomando como ponto de partida uma proposta educacional voltada para os sujeitos do campo, considerando suas especificidades, diversidade e história.

O I ENERA teve como ponto de partida o “Manifesto das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária do Povo Brasileiro. De acordo com Munarim (2008), o I ENERA, pode ser considerado como o ponto de partida e o ponto de chegada de um processo já planejado. “As experiências do MST com educação nas escolas de assentamentos da Reforma Agrária e acampamentos de sem-terra já se constituía prática reconhecida por instituições importantes, como o UNICEF [...]”. (MUNARIM, 2008, p.03).

É importante ressaltar que de outro lado existia uma luta do “Movimento Docente”, em relação a questão da “educação pública, gratuita, de qualidade e para todos”, e esse todos incluía o campo. Ficou marcado pelos apelos pedagógicos e políticos para os sujeitos que fazem parte deste movimento.

No âmbito das políticas públicas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, estabeleceu, pela primeira vez, referências explícitas à especificidade quanto a oferta de uma educação voltada para os povos do campo. O artigo 28, da LDB, diz que

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I. conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II. organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III. adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996, s./p.)

No entanto, não há garantias de acesso e continuidade dos estudos já que a LDB9394 garantia apenas a obrigatoriedade e gratuidade no Ensino Fundamental. Também, a política neoliberal implantada pelo Governo Fernando Henrique Cardoso afetava de forma direta a escolarização no campo ao propor aos municípios a



Nucleação Escolar e o fornecimento do transporte escolar (ônibus), implantando uma rede de deslocamento campo- núcleo urbano, altamente sedutor às prefeituras com o recebimento de recursos.

Neste período a minha vida de educanda toma os primeiros passos em contato com a escola. Meus pais me matricularam na escola do centro urbano do município, hoje intitulada de Escola de Educação Básica Silva Jardim que na época era denominada “Colégio Silva Jardim”. Na época ainda não existia transporte escolar para o município de Alfredo Wagner, mas a escola ficava próxima, apenas 1,5km de distância e se levava em média de 20 a 30 minutos caminhando. O trajeto era feito com outros estudantes vizinhos, amigos, alguns tinham bicicleta para irem até a escola, porém muitas das vezes escolhiam fazer esse trajeto a pé, o que tornava “menos sofrido”, pois muitas histórias iam-se contando no caminho e boas risadas dali saiam. Na imagem a seguir, com a bicicleta a estudante Rita, frequentava o 4º ano e logo atrás, eu, educanda Ana Maria, que frequentava o 3º ano do Ensino de 1º grau (Ensino Fundamental - Anos Iniciais).

**Foto 1: Trajeto para a Escola**



Fonte: Acervo pessoal, 1993.

Praticamente todo caminho era de barro (estrada de chão batido), ainda não tinha calçamento, em dias de chuva o sacrifício era grande, pois dificilmente chegava-se à escola com os calçados limpos. Somente no final da década de 90 que o transporte escolar passa a ser implantado no município de Alfredo Wagner.

### 1.1 BREVE DESCRIÇÃO DO ENSINO BÁSICO DA EDUCANDA E ALGUNS FATOS NAS LUTAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NA DÉCADA DE 90 AO INÍCIO DO PRÓXIMO SÉCULO

No ano de 1991, tenho o primeiro contato com a escola, ingressando na 1ª série (hoje 1º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais). Tudo era novo em minha vida, novos amigos, novos professores, um novo espaço estava sendo descoberto. Uma professora fantástica marcou a minha formação neste primeiro ano, pela sua doçura e dedicação com seus alunos, assim como um mundo cheio de descobertas e aprendizagens deixado por todos.

Ano após ano, novas séries iam avançando, assim como colegas chegavam e saíam. Cada ano um novo professor, mas cada um com muito conhecimento a ser transmitido. Com os amigos da turma, nos finais de semana, brincar de “escolinha” se constituía em atividade de lazer e de tarefa escolar. Ali revisávamos os conteúdos aprendidos e pesquisávamos na “Barsa” temas e conceitos que compunham os trabalhos escolares. Desde esse período já pensava em um dia ser professora. E assim, se passou o Ensino de 1º grau (1ª a 8ª série que a partir de 1996 passa a ser denominado 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais), e que foi finalizado no ano de 1998.

Nesta época nem imaginava o que acontecia mundo afora, principalmente nas lutas para um dia se ter o direito a uma educação do e no campo.

No entanto, muitas reivindicações e lutas estavam acontecendo e no ano de 1998, foi criada a Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, entidade que tinha por objetivo promover ações conjuntas pela escolarização dos sujeitos do campo. Dentre estas conquistas estão a de duas Conferências Nacionais Por Uma Educação Básica do Campo, nos anos de 1998 e 2004. Além de ser criada, neste mesmo ano, ocorreu também a I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, que é considerada um marco para o reconhecimento dos sujeitos do campo, que reivindicavam sua autonomia e emancipação.

Ainda, neste mesmo ano, por meio da portaria 10/98, cria-se o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), com o objetivo de ter um programa de educação para os povos de assentamentos e de reforma agrária. Este foi um compromisso firmado com o governo federal e os sujeitos do campo, que ocorreu no I ENERA.

No ano de 1999 ingresso no Ensino Médio, no período noturno, único turno disponível. Apesar de não parecer, havia dificuldade para manutenção na escola – o cansaço, a falta de recursos, porém o sentimento de pertencimento e conclusão foi muito gratificante. O ensino era “engessado” para os sujeitos do campo. A maioria das vezes não fazia sentido o porquê de se aprender tal coisa, mas fazíamos. Porém entendo, que esta era a forma de se ensinar naquele período, os educadores também não tinham essa visão e nem os ensinamentos de se ensinar partindo da realidade dos seus estudantes. Embora tivesse relação direta com o trabalho na agricultura familiar as problemáticas que envolviam a educação, como a dificuldade de acesso e

permanência, a falta de relação dos conteúdos com a realidade territorial, entre outros estavam distantes do meu cotidiano.

Não se ensinava dentro da realidade dos sujeitos do campo (estudantes que moravam na zona rural e trabalhavam no campo), por isso o ensino médio só cursava quem queria muito ou morasse no centro. Uma grande quantidade dos estudantes encerrava seus estudos na 8ª série, hoje 9º ano do Ensino Fundamental.

Mas também, foi nesse período que muito conhecimento foi adquirido, novos caminhos foram traçados e escolhas tiveram que ser feitas. Ao finalizar o Ensino Médio sonhava em cursar o Ensino Superior, porém ainda era um sonho distante para quem reside em municípios rurais.

Contudo, a educação do campo continuava suas lutas. Após a realização do I ENERA e da I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, se institui a educação do campo como política pública de educação e para isso, fica disposto na Resolução CNE/CEB no 1 (2002). Em um caminho contínuo o movimento que luta pelos direitos dos sujeitos do campo, organiza a II Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, no ano de 2004, esta teve por objetivo avaliar e apresentar ideias voltadas à educação do campo, após a sua instituição. Esta Conferência contou com a participação do Ministério da Educação.

Neste ano, também foi criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), no âmbito do Ministério da Educação, sendo instituída nela a Coordenação Geral da Educação do Campo. Agora, na esfera federal, se tem uma instância responsável pelas demandas dos sujeitos do campo, assim como um novo olhar para as escolas do campo. Sem dúvida, o Programa Pronera teve influência direta na instituição de novas políticas públicas para o desenvolvimento do campo e dos sujeitos do campo. Com isso, novos programas foram sendo criados, como o Procampo, Pronacampo<sup>1</sup>, políticas de incentivo para os sujeitos do campo.

Para tanto, a educação do campo tem sido um espaço de oportunidades para povos do campo (agricultores familiares, indígenas, quilombolas, entre outros). Oportunidade de trabalho para as pessoas que pretendem construir uma carreira docente como educadores do campo, numa perspectiva de desenvolver profissionais

---

<sup>1</sup> Pronacampo (Programa Nacional de Educação do Campo) e Procampo (Programa de Apoio à Formação Superior de Licenciatura em Educação do Campo).

qualificados para atuarem nas escolas do campo ou até mesmo nas escolas urbanas que recebem estudantes oriundos do campo como é o caso de muitas escolas do sul do Brasil, em especial, em Santa Catarina.

A expressão Educação do Campo aparece pela primeira vez na Resolução do Conselho Nacional de Educação (Resolução 02 de 28 de abril de 2008 CNE/CEB), da qual destacamos seu artigo 1º.

A Educação do Campo compreende em suas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e educação da profissional Técnica de nível médio integrada com o Ensino Médio e destina-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida – agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros.

Segundo Caldart (2008, s./p.) a educação do campo:

É negatividade – denúncia/resistência, luta contra. Basta (!! De considerar natural que os sujeitos trabalhadores do campo sejam tratados como inferiores, atrasados, pessoas de segunda categoria; que a situação de miséria seja o seu destino; que no campo não tenha escola, que seja preciso sair do campo para frequentar uma escola; que o acesso à educação se restrinja à escola, que o conhecimento produzido pelos camponeses seja desprezado como ignorância[...]. A Educação do Campo é positividade – a denúncia não é espera passiva, mas se combina com práticas e propostas concretas do que fazer: a educação, as políticas públicas, a produção, a organização comunitária, a escola [...]. (CALDART apud MUNARIM e SCHMIDT, 2013, p.61).

Para Munarim e Schmidt (2013) “[...] educação é um direito humano, inclusive dos povos que vivem em contextos rurais. [...] no Brasil a Educação do Campo tornou-se política pública”. (MUNARIM e SCHMIDT, 2013, p.5).

Para esses autores a

Educação do Campo precisa ser entendida como um movimento, como uma proposta que foi engendrada no seio da sociedade civil e dos movimentos sociais ligados ao campo, sendo, depois, gradativa e conflituosamente, transformada em políticas públicas. (MUNARIM e SCHMIDT, 2013, p.43).

Embora a educação para os povos do campo é parte de um processo de lutas e reivindicações históricas promovidos pelos movimentos sociais e pelos povos do

campo que acreditam nessa proposta, mesmo com alguns avanços e direitos garantidos constitucionalmente, é preciso seguir firmes e atentos quanto ao seu reconhecimento e valorização diante dos rumos atuais que as políticas educacionais brasileiras vêm assumindo. Afinal, como constata e reconhece o próprio Ministério da Educação – MEC em 2005,

[...] não houve, historicamente empenho do Poder Público para implantar um sistema educacional adequado às necessidades das populações do campo. O Estado brasileiro omitiu-se (1) na formulação de diretrizes políticas e pedagógicas específicas para as escolas do campo; (2) na dotação financeira que possibilitasse a institucionalização e manutenção de uma escola de qualidade; (3) na implementação de uma política efetiva de formação inicial e continuada e de valorização da carreira docente no campo. (BRASIL, 2005, s/p.).

Os anos 90 ficaram marcados pelas práticas e pensamentos neoliberais que promulgavam a ideia de que só a educação poderia salvar o Brasil. Apesar desses movimentos perderem forças nesse período, a educação do campo ganhou forças, principalmente, quando abordada como educação básica, sendo esta referenciada dentro do Artigo 28, da LDB:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (LDB, Artigo 28).

Todo esse engajamento dos movimentos sociais contribuiu para a aprovação em 2002, uma identidade da Escola do Campo:

[...] definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (DIRETRIZES, Art. 2º, Parágrafo único).

Um grande avanço para os trabalhadores rurais e/ou povos do campo, que passaram a ter incluído na lei, uma educação básica se adequando as suas realidades e as suas necessidades, respeitando os seus saberes.

Esse momento foi essencial para alavancar a Educação do Campo no Brasil, principalmente para as instituições de ensino superior, que começam a criar cursos para capacitar pessoas, principalmente sujeitos do campo, para atuarem nas escolas do campo. Com isso, uma nova modalidade de ensino passa a ser estruturada nas instituições de ensino superior, dando assim, o surgimento das licenciaturas da educação do campo no Brasil.

## 2. O SURGIMENTO DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL

O surgimento das licenciaturas em educação do campo no Brasil, foi uma conquista pelas lutas dos movimentos sociais e sindicais, que no ano de 2007, veio a se consolidar no nosso país. A mesma está inserida no Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo – Procampo, vinculado à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secad, do Ministério da Educação.

Inicialmente, antes de ser consolidada em muitas universidades, o Ministério da Educação, por meio da SECAD criou um projeto piloto, na qual participaram a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, a Universidade de Brasília – UNB, a Universidade Federal da Bahia – UFBA e a Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Com estas experiências piloto ainda em execução, a partir da imensa demanda de formação de educadores do campo (de acordo com o INEP, mais de 178 mil docentes sem formação superior atuando nas escolas do campo), e do atendimento nestes quatro cursos em execução, de somente 240 docentes, a partir da pressão dos movimentos sociais e sindicais, o MEC lançou novos editais em 2008 e 2009 para que outras instituições pudessem ofertar a Licenciatura em Educação do Campo. A partir da concorrência a estes editais, 32 universidades passaram a ofertar o curso, porém sem garantia de sua continuidade e permanência, já que a oferta, por meio de editais, faz-se mediante aprovação nas instituições de ensino superior de projetos especiais, tramitados e autorizados só para uma turma específica, ficando, portanto, ainda muito longe o atendimento da demanda concreta de formação docente no território rural”. (MOLINA, 2012, p.151)

Com base nessas experiências, a Secad ampliou o curso da Educação do Campo para outras universidades, através de editais públicos nos anos de 2008 e 2009, nos quais a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, elaborou o projeto do Curso, aprovou nas instâncias superiores como curso regular e participou dos editais na Secad para a formação da primeira turma para o curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza e Matemática. Em 2008 foram aprovados 22 cursos de Educação do Campo no Edital MEC/Secad. Já em 2009 foram acrescentados cerca de 10 cursos.



Com toda essa consolidação pelo Brasil, no ano de 2011, já haviam mais de 30 universidades participando com a oferta do curso de Licenciatura em Educação do Campo nas quatro ênfases: Ciências da Natureza e Matemática, Ciências Humanas e Sociais, Ciências Agrárias e Linguagens e Códigos.

## 2.1 O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UFSC

A EduCampo – UFSC, se insere no âmbito das políticas públicas para formação de educadores por área do conhecimento, com ênfase nas Ciências da Natureza e Matemática (CNM) e Ciências Agrárias (CA), com o objetivo de formar profissionais para atender as necessidades das escolas do campo, respeitando as suas vivências e saberes.

O curso foi criado, como curso regular, em 01/04/2009, de acordo com a Resolução nº6/CEG/2009, na qual disponibilizava 50 vagas para o vestibular, que se iniciaria no primeiro semestre do ano seguinte. No caso da UFSC, desde seu início ele foi aprovado como curso regular, juntamente com o curso instituído na Universidade Federal de Marabá no Pará.

Muitos dos cursos criados nas universidades foram instituídos como Cursos temporários, instituídos por meio de projetos de apoio. Somente em 2015 os cursos passam a receber vagas para contratação e docentes e ser aprovados como regulares na instância das universidades.

A EduCampo é fruto da ação conjunta do Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo (PROCAMPO), da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) / Ministério da Educação e da luta de movimentos sociais e sindicais por uma política de formação inicial voltada aos sujeitos do campo (HUDLER, 2015, s./p.).

No processo de implantação, as duas primeiras turmas compuseram um perfil de trabalhadores jovens do campo, professores, participantes de movimentos sociais, agricultores e interessados em geral. No entanto, havia uma dificuldade que era de pulverização dos sujeitos nos territórios de Santa Catarina, distância entre os municípios para acompanhamento do Tempo Comunidade, perda significativa de

estudantes que já atuavam como professores e não conseguiam liberação para realização dos cursos.

Esses fatores levaram a elaboração de estratégia de “territorização da Licenciatura em Educação do Campo da UFSC”, que consistia na oferta de turmas em diferentes territórios rurais de Santa Catarina, e fortaleceu a permanência dos estudantes no curso, aproximou-os dos territórios, e maior aproximação com as redes de ensino e escolas do campo. (BRITTO, GUERRERO, 2021, s/p.).

## 2.2 A IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE ALFREDO WAGNER

No segundo semestre no ano de 2016 a Comissão responsável pelo estudo e interiorização das turmas avalia que o território que compõem os municípios de Alfredo Wagner, Ituporanga e Bom Retiro tem potencial para a implantação do curso. A divulgação começa a ser feita nas comunidades, principalmente para os jovens que residem na área rural e trabalham na agricultura familiar.

Em Alfredo Wagner o senhor Fabiano de Andrade ajuda nessa divulgação focando, principalmente nas localidades “rio abaixo” (Passo da Limeira, Invernadinha, Barro Branco e nos seus arredores), de acordo com relatos dos colegas de turma.

As inscrições para o vestibular começam a acontecer no final do ano de 2016, e a quantidade de estudantes inscritos pelo município de Alfredo Wagner é maior do que nos demais municípios. Deste modo optou-se pela implantação da turma no município de Alfredo Wagner, conforme a afirmação de professores e colegas que ali faziam parte do curso.

Apesar de um número grande de inscritos para o vestibular, apenas 8 estudantes se matriculam no curso, que inicia em fevereiro do ano de 2017. Com isso, uma nova divulgação começa a acontecer, pois o curso contava com a possibilidade de matricular até 60 estudantes.

A parceria entre a Universidade e a Prefeitura Municipal de Alfredo Wagner começa a divulgar nas redes sociais sobre a inscrição para completar as vagas ainda existentes no curso de Educação do Campo, um curso superior da UFSC em suas redes sociais. Foi quando fui me informar diretamente na Secretaria da Educação do Município.

### A turma situada no município de Alfredo Wagner

(...) além dos e das agricultoras (...) foi formada pela classe trabalhadora do município composta por sujeitos que trabalham no serviço, comércio, área de saúde, professores e professoras, agricultores autônomos, que trabalham em feiras, além de filhos e filhas, que cuidam de suas famílias, mães que precisam organizar os estudos com as formas de ajuda que conseguem, ou seja, pela classe trabalhadora que só conseguiria estudar em períodos noturnos. (Brito, Neli, Guerrero, Patrícia S., 2021, s/p.).

## 2.3 O INÍCIO NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

Em uma terça-feira à tarde fui ao local saber mais informações e neste momento já fiz a inscrição com entrada pelo histórico escolar. Nas semanas seguintes iniciei o curso com os demais que ali já estavam.

Aqui iniciava um novo caminho a ser trilhado em minha vida. No início parecia que pouca coisa fazia sentido, na rua quando falava que estava fazendo mais uma faculdade (já era formada em Gestão Comercial), uma grande parte das pessoas falavam, para quê? Para continuar na roça? E se fosse, que mal teria? Pois conhecimento nunca é demais.

As aulas, inicialmente ocorriam nos três turnos (matutino, vespertino e noturno), tendo a concentração de apenas uma disciplina a cada semana. Na semana seguinte a procura por estudantes ao curso aumentou, porém, a grande maioria não conseguia estudar nesse formato de alternância com períodos de Tempo Universidade concentrados, que consistia em duas semanas na universidade e duas semanas em casa realizando o tempo comunidade, com observações, pesquisas a comunidade em que estávamos inseridos.

Iniciou-se uma articulação entre estudantes e professores na tentativa de conseguir compatibilizar disponibilidade entre professores e estudantes. O horário noturno era o que melhor atendia aos estudantes Professores lutaram juntamente com os estudantes e fizeram um esforço imenso para que cada dia tivéssemos uma disciplina diferente, sendo 5 aulas a cada noite.

Enfim, objetivos alcançados, professores dispostos a se deslocarem todos os dias de Florianópolis rumo a Alfredo Wagner, retomando seus ensinamentos com uma turma de 60 estudantes. Sala cheia, diferentes sonhos e objetivos ali estavam sendo trilhados.

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo tem o objetivo de

Formar professores/educadores na área de Ciências da Natureza e Matemática para atuar nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio em escolas do campo, tendo em vista uma formação política e pedagógica, aptos a atuar como professores e coordenadores dos processos educativos. Capazes, ao mesmo tempo, de promover a articulação da escola com as questões afetas à vida no campo e à sociedade em geral, assim como de impulsionar transformações no formato escolar vigente. (PPC, 2015, s/p.).

Deste modo o curso difere de outros cursos de licenciatura cujo predomínio são os conteúdos da área específica complementados por três ou quatro disciplinas didático-pedagógicas, A perspectiva da Licenciatura em Educação do Campo “exige tanto a crítica à educação escolar concebida historicamente para o meio rural brasileiro (pela sua limitação nos processos educativos e pela concepção de campo que lhe dá suporte); quanto à própria situação atual da educação escolar no campo brasileiro” (PPC, 2015, s/p.).

O Curso entende a Educação do Campo como uma “concepção pela práxis, na construção e potencialização de ações voltadas a práticas pedagógicas que valorizam e reconhecem os sujeitos do campo” (PPC, 2015, s/p.). Teóricos da Educação do Campo como Caldart (2004), Arroyo (2004) apontam a práxis como grande desafio que se impõe aos sujeitos da educação do campo. É por isso que o exercício da docência em escolas do campo “implica práticas pedagógicas diferenciadas e com características dessas territorialidades e é com esta perspectiva se propõe um curso de formação por área de conhecimento e em alternância” (PPC, 2015, s/p.).

A alternância consiste em espaços de formação que promovam das instituições formadoras com as organizações da sociedade civil, todas vistas como corresponsáveis pela formação dos estudantes da Licenciatura.

São “momentos” pedagógicos que interagem – chamados de “Tempo Universidade” e “Tempo Comunidade” – para envolver o educando num processo educativo único, que articula a experiência acadêmica (universitária) propriamente dita com a experiência de

trabalho e vida no seio da comunidade onde vive. Tempos Universidade (TU) e Tempos Comunidade (TC) estarão imbricados, já que são formas metodológicas de interlocução sobre os mesmos temas. A alternância permitirá, desta forma, maior ligação com a realidade social e institucional do campo. Para o estudante, a vivência dos processos educativos de forma alternada, permite que ele parta das experiências de formação na família, na localidade, no município ou no território em que vive e na escola onde realizará seus PCC e estágios. Trata-se, de fato, de uma perspectiva de práxis, ao relacionar os saberes produzidos no campo com os saberes científicos. Por isso, a alternância adotada na Licenciatura estimula, como elementos fundamentais de formação, o exercício da pesquisa e a articulação entre trabalho e estudo. (PPC, 2015, s/p.)

### 2.3.1 Os processos de Vivência no Território e nas Escolas do Campo nos dois primeiros anos do curso

Em síntese, a alternância consiste em uma escolha metodológica de aproximação dos sujeitos de seus territórios e tem a finalidade de proporcionar a leitura da realidade do território.

Ela nos foi apresentada, no 1º semestre, através do tempo comunidade, iniciando pela construção de um diagnóstico a ser elaborado sobre o município de Alfredo Wagner. No município de Bom Retiro também seria feito este diagnóstico, pois neste momento contávamos com 12 estudantes vindos do município vizinho.

Um grupo de quatro professores foi nos apresentando como que se daria o processo da alternância através do tempo comunidade.

[...] o termo Tempo Comunidade constitui-se no diálogo com outro termo, Tempo Escola, no contexto da luta e construção de possibilidades da escolarização dos povos do campo. Esses termos não podem ser compreendidos de forma separada, porém são distintos no que diz respeito ao espaço, tempo, processos e produtos relacionados à formação pedagógica. Intrinsecamente ligados às formas de morar, trabalhar e viver no campo, falam-nos de limites e possibilidades para a organização da educação escolar, mas muito mais do que isto, anunciam outra forma de fazer a escola do campo, de avaliar, da relação com os conteúdos, das mediações pedagógicas, da relação entre quem ensina e quem responde. (MOLINA; SÁ. 2011, p.214).

De início elencamos os temas a serem pesquisados sendo: a história, a economia, e a agricultura do e no município, a atuação das mulheres no campo, as

condições de saúde e educacionais, assim como os aspectos gerais do município. Em cada tema ainda era gerado outros subtemas que completavam cada assunto pesquisado.

Após a realização de cada pesquisa, que eram feitas anotações e gravações (com autorização do entrevistado), transcrevíamos, manualmente, para um caderno, o chamado “CIP”. A transcrição manuscrita era um “sacrifício e exigia horas de trabalho, pois as pesquisas eram extensas tendo em média cada tema, 50, 60, chegando num dos temas pesquisados a 74 páginas. No entanto, o produto era gratificante em função da riqueza de informações que coletávamos sobre o nosso município, histórias, acontecimentos, lutas, conquistas e as mudanças que ocorreram ao longo dos anos. Isso fez com que começássemos a re-olhar o nosso lugar com outra perspectiva, e esse “enxergar com outros olhos” fez toda diferença, para nossa formação docente.

Além disso, em maio, ainda no primeiro semestre do curso, nos foi apresentado o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Confesso que no início não dei tanta importância, pois não tinha noção da sua real importância na vida de um acadêmico. Mas ao longo dos meses os olhares foram mudando e ações começaram a ser construídas.

Ao final do primeiro ano letivo (2017), construímos e apresentamos o diagnóstico que continha relatos de aproximadamente 40 pessoas entrevistadas. Para a realização dessas entrevistas foram escolhidas pessoas de gêneros diversos, feminino, idosos e jovens, que estão em contato direto com a área rural ou “urbana”<sup>2</sup>. Essa organização foi feita para que pudéssemos enxergar de diversas formas o nosso município.

O objetivo geral foi alcançado que era a de mostrar as principais características do município em seus vários aspectos a partir dos olhares dos próprios sujeitos que ali viviam ou viveram.

Para a apresentação desse diagnóstico foi organizado, no final do ano letivo, um Seminário de Socialização onde ocorre a troca de experiências entre as turmas,

---

<sup>2</sup> O urbano em municípios essencialmente rurais como em Alfredo Wagner, constitui-se em áreas delimitadas como perímetro urbano, possuindo uma concentração maior da população, uma infraestrutura mais desenvolvida, possuindo em alguns pontos, calçamento, iluminação pública, construção de prédios, comércios diversificados.

convidados da comunidade em geral para participar. Um momento muito rico de informações e aprendizados.

No ano de 2018 inicia-se o segundo ano do curso, 3º semestre, com o tempo comunidade desenvolvido nas escolas do campo. Escolhi a Escola Básica Passo da Limeira para realizar essa observação. Poderia ter escolhido a E.E.B. Silva Jardim, que ficava próximo a minha casa, mas como sempre estudei ali e anos anteriores já havia trabalhado na mesma, decidi conhecer uma escola nucleada no campo – considerada pela prefeitura como uma escola do campo.

O primeiro contato com a escola, se deu em fevereiro de 2018, onde um grupo de acadêmicos procurou a instituição para a entrega da carta de apresentação, na qual continha informações sobre o Curso de Licenciatura em Educação do Campo, formas de organização e explicações sobre o trabalho de vivência a ser realizado na escola pelos estudantes do curso.

A solicitação de autorização para realização das atividades de vivência na escola, foi aceito, na época, pela a diretora Suelen Mariotti, muito receptiva e disposta a abrir o espaço da escola para realizarmos os tempos comunidade naquele ano.

Em março de 2018 fomos a escola, juntamente com as professoras Carolina e Natacha para articular e esclarecer como funcionaria esse tempo comunidade dos acadêmicos no período de observação. Na mesma semana após a visita já começamos a fazer as observações. Era uma escola municipal, que atendia crianças do Pré (Educação Infantil), crianças do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e crianças do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano).

A Escola Básica Passo da Limeira, é uma instituição pública, mantida pela Secretaria Municipal da Educação, fica localizada nas margens da SC350, na localidade de Passo da Limeira no município de Alfredo Wagner - SC. Esta escola existe desde 1920, no formato de escola isolada, onde era uma casa simples de madeira construída pela própria comunidade, às margens do rio Itajaí do Sul. No ano de 1998 começaram as obras para construção da Escola “Básica Passo da Limeira”, que se tornou oficial no ano de 2000, que foi quando iniciaram as aulas no novo prédio. Neste mesmo ano houve a nucleação das escolinhas isoladas existentes para atender as 23 comunidades que passaram a ser atendidas, excepcionalmente na Escola Básica Passo da Limeira.

Com as reformas no ensino fundamental promovidos pela Lei de Diretrizes e Bases LDB (1996), objetivando a implementação da municipalização e universalização de ensino básico houve o fechamento das escolas multisseriadas. Em narrativas geradas no artigo: o gestor político da época em 2001 junto com a secretária de educação optaram por fechar quase todas as escolas multisseriadas, sendo que fecharam muitas escolas e uma delas sendo a escola da Vila Catuíra, através de um processo chamado de nucleação. (SILVA e EGER, 2018, p.4-5).

No entanto, a Escola da Vila Catuíra, assim como as demais daquela região, os estudantes foram realocados na Escola Básica Passo da Limeira, utilizando de transporte escolar para chegar até a mesma.

A Escola Passo de Limeira engloba a educação do campo, todos os estudantes que ela recebe são estudantes do campo, da região local. Após terminar o 9º ano, essas crianças vão cursar o Ensino Médio, na Escola de Educação Básica Silva Jardim, no centro do município de Alfredo Wagner – SC, e bem poucos optam por fazer o Ensino Médio Técnico no Instituto Federal de Santa Catarina o curso de Técnico Agrícola.

Como descrito no início a Escola Básica Passo da Limeira era uma escola do campo, porém nas observações feitas, percebeu-se que o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, era bem vago em relação a educação do campo. O mesmo possuía trechos que abordavam sobre esse tema, mas não conseguia demonstrar uma identidade como escola do campo. Hoje ela não é mais considerada uma escola do campo, em função da mudança política na gestão municipal. A decisão se mostra contraditória já que é uma escola localizada no campo e que atende essencialmente estudantes oriundos do campo, que vivem, em sua maioria, da agricultura familiar. Durante o período também foi possível construir um elo muito bom com a escola, com os estudantes e com o corpo docente.

Também, a maior parte dos estudantes do curso pode participar do Programa PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Nossa atuação se deu na mesma escola de desenvolvimento das atividades do Tempo Comunidade.

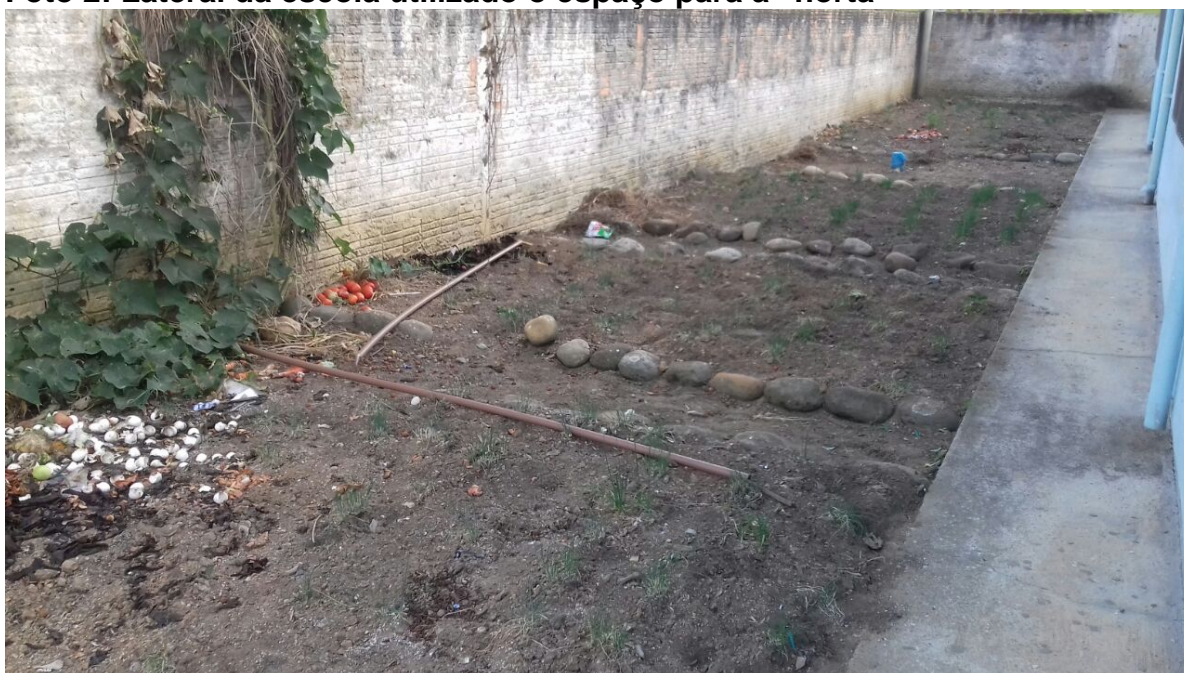
Observações foram feitas no ambiente escolar e conversas foram realizadas com a equipe da gestão escolar para que fosse realizado uma ação que beneficiasse toda a comunidade escolar, assim como o retorno pedagógico que se poderia fazer, principalmente para os educandos. A proposta objetivada foi a construção de uma horta escolar, onde pais, professores e estudantes pudessem contribuir para a sua



prosperidade e em contrapartida a horta serviria de instrumento pedagógico, podendo ser utilizada para ensinar as crianças. E ainda mais do que isso, o contato com a terra, com as plantas e frutos, desperta curiosidade nas crianças, o que é de extremo valor na educação, principalmente para os que ali frequentavam, pois fazia parte da realidade da maioria ali. O projeto foi desenvolvido em parceria com o ensino de Ciências, mas que poderia ser adotado pelas demais disciplinas, pois com o projeto da horta, viu-se que um rico conteúdo ali poderia ser abordado.

Em uma de suas laterais possuía um espaço que era destinado a horta escolar, porém esta estava abandonada com alguns pés de tempero (cebolinha), que pode ser visto na foto abaixo.

**Foto 2: Lateral da escola utilizado o espaço para a “horta”**



Fonte: Acervo pessoal 2018.

A partir desse momento começou-se a desenvolver um projeto para a construção e revitalização da horta. Este projeto teve grande apoio também da professora Leila Paiter, que lecionava o Projeto Meio Ambiente para os Anos Iniciais na escola. Assim como ela, os bolsistas, as crianças dos anos Iniciais abraçaram a ideia e conseguiu-se desenvolver muitas atividades através dos acadêmicos com práticas efetivas na horta. Além disso, englobamos outras disciplinas do curso, na qual colocou-se em prática a construção de uma composteira em que eram

depositados restos de materiais orgânicos (cascas) dos alimentos utilizados na merenda escolar da escola.

**Foto 3: Lateral da escola após a revitalização da horta**



Fonte: Acervo pessoal 2018.

As observações e problemáticas encontradas, puderam em articulação com as bases teóricas estudadas constituíram uma base para a leitura de realidade e uma das bases de nossa formação.

O pensamento de MUNARIM e SCHMIDT sintetizam esses momentos, ao afirmarem que

[...] a Educação do Campo deve ser entendida como uma área de ação e da formação humana, que suscita procedimentos metodológicos ou técnicas educacionais apropriadas. A Escola do Campo (aliás, assim como toas as demais) não pode, por isso, ser um espaço de atuação centrada nela mesma. Ao contrário, deve estar conectada com a vida, com as relações sociais, com o trabalho. Enfim, com o que acontece no meio em que ela está inserida. (MUNARIM; SCHMIDT, 2013, p.68).

Deste modo, na 4ª fase passamos a investigar um grupo de jovens que se encontravam nas séries finais do Ensino Fundamental e gradativamente iam interrompendo seus estudos sem ao mesmo concluir esse nível de ensino.

O que nos chamou a atenção era que as turmas de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, período vespertino, possuíam respectivamente 30 e 28 educandos em cada sala, enquanto as turmas de 8º e 9º anos possuíam 17 e 15 educandos. Aplicou-se um questionário com os estudantes que apresentaram os seguintes dados:

Dos 81 jovens que responderam o questionário, 68% eram meninas e 32% eram meninos. Surge aqui um questionamento, por que a maioria de estudantes do Fundamental II, do turno vespertino, são meninas? Aonde estão os meninos, o que acontece com eles?

Tendo como base o último Censo realizado no município, pode-se perceber que a totalidade de homens e mulheres que aqui habitam, tendo sua totalidade de 51,6% de homens e 48,4% de mulheres, não pode ser relacionada com a quantidade de meninos e meninas que frequentam a Escola Básica Passo da Limeira do Ensino Fundamental II, do turno vespertino.

Com base nesses dados, a investigação se deu através dos números de estudantes de cada turma e passou-se a investigar aonde estariam esses jovens? O objetivo foi a de identificar quantos desses estudantes pretendiam dar continuidade aos estudos e quantos pretendiam interrompê-los, bem como entender quais fatores os mantinham ou os afastavam da escola. Constatamos que os jovens masculinos tendiam a abandonar a escola sem mesmo ter concluído o Ensino Fundamental. O principal motivo estava na falta de identidade desses jovens do campo com os conhecimentos reproduzidos pela escola. Esse estudo desvelou outras questões com as quais ainda não tinha me deparado.

Um dos materiais lidos no período nos fez refletir já que afirmava que “[...] a família tem sido apontada como parte fundamental do sucesso ou fracasso escolar. A busca de uma harmonia entre família e escola deve fazer parte de qualquer trabalho”. (REIS, 2010, p. 11). E isso, pode-se perceber que apesar de todas as afirmações acima serem de maneira negativa para a continuidade aos estudos, todos de alguma forma, recebem incentivo das famílias para continuarem estudando.

Todo esse processo de Vivência propiciaram um olhar mais aguçado sobre o território e a escola do campo, à luz dos princípios da Educação do campo, dos

saberes científicos e populares e lançaram as bases para o início da docência propriamente dita – o estágio.

### 2.3.2 Os Estágio de Docência nas Séries Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio

O 5º semestre se inicia, no ano de 2019, e o estágio este ano seria colocar em prática, com turmas das séries finais do Ensino Fundamental (6º a 9º ano), todas as observações e aprendizagens adquiridas até aqui.

Além do estágio, fui convidada a lecionar na Escola Básica Passo da Limeira, a disciplina de Língua Portuguesa. Um desafio enorme, pois não havia nenhuma formação na área, e por falta de professores habilitados ou cursando a disciplina, acabaram oferecendo para quem demonstrasse interesse em trabalhar como professor. Foi um período de muito estudo pois a formação nessa área estava restrita apenas a escolaridade na Educação Básica. No entanto, os processos de aprendizagem de buscar conhecimentos por meio da pesquisa, desenvolvido no curso, me ajudou a buscar caminhos para que pudesse exercer com qualidade a docência em outra disciplina.

Para o estágio de docência em Ciências da Natureza e Matemática, a turma escolhida foi a do 9º ano matutino, da Escola Básica Passo da Limeira. O estágio foi realizado em dupla, e a escolha pelo 9º ano se deu por acreditarmos que nos daria uma bagagem maior em relação aos conhecimentos científicos quando chegássemos no Ensino Médio.

Metodologicamente escolhemos utilizar a abordagem freiriana para elaboração dos planos de ensino, os planos de aula e as oficinas, e que compreende a ideia de promover a participação efetiva dos estudantes na construção do conhecimento, incentivando-os a questionar, refletir e desenvolver seu senso crítico. Eles foram planejados de forma a envolver os estudantes em atividades práticas que estimulem a reflexão e a problematização de temas relevantes para sua formação. Dessa forma, objetivou promover uma aprendizagem significativa, que relacionasse os conteúdos escolares com a realidade dos estudantes, tornando o processo educativo mais atrativo e motivador. Portanto, ao optar pela abordagem freiriana na elaboração dos planos de ensino, planos de aula e oficinas, buscou-se proporcionar uma educação

emancipatória, onde os estudantes foram os sujeitos presentes na construção do conhecimento e na transformação de sua realidade. Contudo, o uso metodológico dos três momentos pedagógicos que são: a problematização inicial, a organização e a aplicação do conhecimento trouxeram como pressuposto a leitura da realidade.

Pensando nisso, foi feita uma abordagem das características dos estudantes, o que pensavam e no que trabalhavam para definir os eixos de articulação dos conhecimentos no estágio. Com isso, viu-se que a sua totalidade, na Escola Passos de Limeira, tinha relação direta com o campo e com a agricultura familiar.

A decisão do estágio ser realizado na forma de oficinas, foi consensual entre os professores regentes da disciplina de Ciências e Matemática da Escola Básica Passo da Limeira, de modo a facilitar a integração dos conteúdos e a relação com a realidade dos estudantes. Acordou-se a realização de quatro oficinas de 5 horas/aula cada. Também, entramos em acordo, quais conteúdos seriam abordados para a turma do 9º ano matutino, do Ensino Fundamental.

Na disciplina de Ciências o professor regente da turma na escola sugeriu que o conteúdo fosse sobre “Calor e Temperatura”, voltado para a disciplina de Física. Já na disciplina de Matemática, o professor responsável pela disciplina, sugeriu o “Teorema de Pitágoras”. Tendo decidido sobre os conteúdos a serem trabalhados, foram feitos quatro planos de aula para as oficinas a serem realizadas.

Além disso, o objetivo era tentar construir oficinas de forma interdisciplinar, já que estávamos em um curso cuja formação se dá por área do conhecimento e de forma integrada. Quando se tem uma abordagem de ensino por área de conhecimento em conjunto com a interdisciplinaridade na educação do campo elas se tornam cruciais na vida do sujeito do campo, pois eles passam a ter uma formação humana mais completa, com práticas educativas que valorizem a cultura e a identidade dos moradores das áreas rurais, tornando o aprendizado mais significativo para os estudantes.

Portanto, ao abordar os conteúdos (conceitos e experimentos com calor, temperatura, equilíbrio térmico, escalas, condução, convecção, irradiação, equações e teorema de Pitágoras) procurou-se organizar de maneira que envolvesse elementos encontrados na agricultura, fazendo assim uma relação com os saberes produzidos pelos sujeitos do campo e os conhecimentos científicos (conteúdos) abordados na escola.

A construção dos planos é uma tarefa que exige estudo e disponibilidade. Inicialmente a ideia de planejar parece simples e burocrática. No entanto, passamos a compreender o quanto é fundamental a preparação das atividades, seja uma aula ou uma oficina. Mesmo vencida a etapa inicial é preciso revisitar os planejamentos durante o andamento das oficinas, ajustando e complementando, um aprendizado essencial para o exercício da docência.

O acompanhamento do estágio no curso de Educação do Campo é realizado diretamente pelos professores que coordenam o andamento do Estágio. Em duas oficinas teve-se a avaliação feita pelas professoras Karine, com formação em Física, e a professora Débora, com formação em Matemática que se revezaram no acompanhamento das oficinas. Foram momentos de tensão por ser a primeira experiência. Um misto de nervosismo e ansiedade nos quais a colaboração e participação dos estudantes foi essencial.

De certa forma, no final do estágio, considero que alcançamos nossos objetivos, tanto metodologicamente com os três momentos pedagógicos, como aponta o trecho do livro *Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos*, que aborda sobre a aplicação do conhecimento. “A meta pretendida com este momento é muito mais a de capacitar os alunos ao emprego dos conhecimentos, no intuito de formá-los para que articulem, constante e rotineiramente, a conceituação científica com situações reais [...]”. (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2011, p.202). Sempre procurou-se estabelecer relações ou abordar elementos que envolvessem a agricultura, ou seja, a realidade dos alunos.

O aprendizado, a formação alcançada e a conclusão das oficinas foram gratificantes e pode-se vivenciar na prática o dia-a-dia do professor, que necessita ir com suas aulas todas planejadas, que imprevistos podem e surgem, mas mesmo para esses momentos é necessário ter uma “carta na manga”, os planejamentos complementares para driblar os imprevistos que acontecem.

Novamente, ao findar o semestre um novo Seminário de Socialização foi realizado, neste ano, organizado com os acadêmicos de todas as turmas do curso para realizarem a socialização na UFSC, porém, por motivos de trabalho não pude participar. Além da socialização um relatório de estágio foi construído de como ocorreu todo o processo.

O quarto e “último ano de curso” se inicia em 2020 com muitas expectativas. Este semestre se daria o início ao Estágio de Docência no Ensino Médio, uma carga



horária grande com outras disciplinas que compõem a grade curricular do curso. Neste ano ainda, por meio de chamada pública da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, me classifico para a vaga de professora de Matemática na Escola de Educação Básica Alexandre de Gusmão, lecionando para as turmas do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental na disciplina de Matemática, um novo desafio em minha vida, mas colocando em prática todo o aprendizado adquirido até aqui.

Ao término do mês de fevereiro e início do mês de março a mídia começa a noticiar, com ênfase, na existência de um surto pandêmico que atinge muitos países, inclusive no Brasil. A Covid-19 chega com força em Santa Catarina e no dia 19 de março de 2020 as aulas nas universidades e na Educação Básica são interrompidas e todos são “mandados” para as suas casas. Os noticiários traziam muitas informações e também desinformação, afinal nem mesmo os setores de saúde tinham clareza do que estava acontecendo. Imaginava-se que rapidamente voltássemos a normalidade. Ao contrário, as informações e medidas governamentais reafirmavam a necessidade de isolamento, na adoção de cuidados preventivos e a necessidade de dos cuidados com os processos de higiene, o isolamento e o uso obrigatório de máscaras.

As aulas do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática são todas “suspensas”. Ninguém sabe o que fazer, mortes ocorrendo em todos os lugares decorrentes da Covid-19, o pânico já havia tomado conta de todos. Nos primeiros dias os supermercados viviam um caos, as pessoas compravam produtos pensando em uma possível escassez de alimentos.

Após 15 dias terem se passado, o Governo do Estado de Santa Catarina determina que sejam retomadas as aulas de maneira remota/online. Sem estrutura de internet ou espaço físico adequado em nossas casas, sem preparo e abalados com tantas informações, por vezes contraditórias, o ano letivo foi retomado.

A quase totalidade das famílias dos estudantes não possuíam internet de qualidade em suas casas e um mesmo celular atendia pais e estudantes. A internet a rádio, predominante nas áreas rurais não permitia um sinal contínuo, não possibilitava a abertura de arquivos, a realização de atividades, e muito menos possibilitava a manutenção online para assistir uma aula. Os estudantes que vivem no campo têm pouco acesso aos recursos tecnológicos e irão se contentar com uma escolaridade remota restrita ao recebimento de exercícios impressos, muitas vezes distribuídos por professores em seus próprios carros, ou buscados por pais que passaram a exercer

o papel de “docentes” concomitante a precariedade do trabalho, ou melhor do “não trabalho”. Sem transporte, os produtos produzidos no campo não chegam as redes de distribuição. Nem escola, nem atendimento de saúde, nem trabalho se traduz em pouco tempo na realidade do campo.

Quanto ao curso de Educação do Campo, as aulas ficaram cinco meses sem ter continuidade, mais frustrante ainda, por sabermos que não daríamos continuidade ao que havia sido planejado para o último ano na universidade.

Com a retomada um novo calendário foi feito e as aulas se estenderiam por mais alguns meses no próximo ano. A retomada online (ensino remoto), mesmo com todo esforço dos professores e dos estudantes era precário. Falta de equipamentos e tecnologia adequada, aulas pouco instigantes, estranhamento as novas estratégias, dificuldades financeiras das famílias, falta de contato físico (presencial), espaços inadequados, a vida cotidiana intervindo dentro de nossas casas, sem privacidade ou alternativa. Internet oscilando, a família ali presente, outras coisas precisavam serem feitas, pois não estávamos preparados para vivenciar essas situações.

Enfim, ninguém estava preparado para este momento, nem os professores, muito menos nós acadêmicos. Porém, cada vez mais nos uníamos para finalizar e fazer com que todos conseguissem seus objetivos. Professores sempre dispostos a achar um caminho para que tudo desse certo. Com tudo isso, um novo modelo de Estágio Docência do Ensino Médio foi pensado e colocado em prática.

Devido ao momento pandêmico que se vivia, nosso ensino que até então era presencial, teve que se adaptar dentro das possibilidades da modalidade remota. Diversas possibilidades foram cogitadas para que pudessemos concluir o curso. A mais “assertiva”, foi a de realização de seminários, de forma remota, para a realização do Estágio de Docência no Ensino Médio. O público participante, era composto pelos orientadores e professores do estágio, professores do curso, egressos e colegas acadêmicos, que neste momento se tornaram nossos estudantes do Ensino Médio, para quem os planos de aula eram direcionados, ou seja, tínhamos novos sujeitos e estávamos afastados de uma realidade que até pouco tempo nos cercava.

No primeiro momento passou-se a elaboração dos planos de ensino e dos planos de aula. Da mesma forma, como no estágio referente ao Ensino Fundamental, utilizou-se da abordagem temática freiriana em seus três momentos pedagógicos: a problematização inicial, a organização do conhecimento e a aplicação do conhecimento.



Pensando nisso, atentou-se a encontrar uma problemática do município de Alfredo Wagner, que também fosse a realidade dos nossos estudantes do Ensino Médio.

No entanto, como planejar a articulação entre quatro disciplinas (Biologia, Física, Química e Matemática) de maneira interdisciplinar e escolher uma problemática/temática? Ao contrário do movimento de preparação do estágio no Ensino Fundamental onde vivenciávamos conjuntamente a realidade dos estudantes, realizávamos levantamentos, debatíamos, desta vez, encontrávamos apenas no plano de ideias. Muitos temas e sugestões surgiram, orientações foram recebidas. Tudo que era planejado parecia não fazer sentido. Eu mesmo não conseguia dar sentido as aulas.

Como sou filha de agricultores e a há mais de 30 anos o meu pai (com seus 67 anos de idade), ainda é um agricultor familiar, produtor de tomate optou-se em abordar “a problemática do alto custo na produção do tomate” – tema presente no meu dia a dia, e na realidade de muitos jovens agricultores. A escolha de uma problemática próxima a minha vida no campo, saberes acumulados durante toda a vivência familiar, deu sentido na organização das atividades. Articular nossos saberes aos conhecimentos científicos fez com que “o coração transbordasse de alegria”. Poder explicar algo que sempre vivenciei seria muito instigante para a minha formação e também para quem estivesse ouvindo, pois quando trabalhamos com algo que dominamos, que vivenciamos, ajuda a “contaminarmos” aos demais com o conhecimento.

Foram elaborados cinco planos de aulas, sendo quatro planos teóricos e descritivos com o decorrer das aulas e um plano com a apresentação de vídeos produzidos para utilização no decorrer das aulas. Os planos de aula tinham como objetivo principal articular o conhecimento científico, os saberes acumulados e a realidade, através da problemática levantada, dentro do contexto da interdisciplinaridade abordando as Ciências da Natureza (Física, Química e Biologia) e a Matemática.

O primeiro plano de aula, teve um foco maior no ensino da Matemática dentro da problematização do controle financeiro em uma produção e o uso excessivo de agrotóxicos, abordando conceitos sobre função, custo, receita e lucro, juros simples e composto baseados na realidade do agricultor Waldini Prust (meu pai), morador do município de Alfredo Wagner.

A uso dos conhecimentos no trabalho de um agricultor na produção de tomates contribuiu não somente com o estágio, mas principalmente na valorização dos saberes acumulados por esse agricultor, na articulação com os conhecimentos escolares e a importância de todo o trabalho que sempre fez e que, neste momento, não era a de somente produzir alimentos para as pessoas, mas sim a de transmitir muitas informações acumuladas ao longo dos anos. As informações estavam todas armazenadas na sua mente, não havia necessidade de registros, cadernos ou planilha. Os olhos do meu pai “brilhavam” a cada pergunta que lhe era feita, pois estava contribuindo com muita sabedoria para a formação de sua filha em um curso superior de uma universidade federal – uma realidade agora tão próxima. E, acredito, que tenha sido isto que me fez sentir mais realizada com a escolha desta problemática e com o resultado alcançado no final do estágio.

No segundo plano de aula utilizou-se dos conceitos da Física, envolvendo a problematização sobre os fatores climáticos, com foco nas altas temperaturas e que podem influenciar para a boa ou a má produção de tomates. Com isso, abordou-se conceitos de transporte de energia e equilíbrio, definição de calor e temperatura e uma breve relação do efeito estufa, com as estufas utilizadas para a produção das mudas de tomates que são utilizadas pelos produtores e por ele.

No terceiro plano, buscou-se trazer a problematização da fotossíntese e respiração celular das angiospermas relacionando com a planta do tomateiro. Para tanto, foi necessário aproximar-se dos conceitos da Biologia, como os conceitos de angiosperma, fisiologia da angiosperma e a fotossíntese, e respiração celular. Neste dia trouxe para a apresentação um pé de tomate (com raiz, caule, folhas, flores e frutos), demonstrando toda a sua estrutura. Foi uma aula muito interessante, cheias de perguntas. Mesmo sendo de forma remota, era notório o interesse dos que ali estavam assistindo e ouvindo, pela concretude da demonstração feita. Introduziu-se também a discussão sobre o papel da mulher, na produção de tomates.

Para finalizar, abordaram-se, no quarto plano de aula, conceitos da química necessários a produção de tomate convencional. Deu-se ênfase nos quatro principais elementos químicos no desenvolvimento do tomateiro, nos NPKs (Nitrogênio, Fósforo e Potássio) e no Cálcio. Neste dia, trouxe alguns tipos de adubos químicos para a demonstração do que era utilizado na plantação e lembro até hoje que um dos avaliadores ficou impressionado com as diferentes cores e que foi lhe colocado que cada cor do “adubo”, representa um dos elementos do NPK. O Nitrogênio é

representando pela cor branca, o Fósforo pelo cinza claro e o Potássio pelo vermelho, e isso significa que, por exemplo se um “adubo”, possui uma quantidade de grãos maiores na cor vermelha a composição dele será maior em Potássio.

É importante destacar que os conceitos tratados o foram de modo articulado e integrado, pois é impossível e nem esse era o objetivo de abordar sobre cada um separadamente. Deste modo, quando se abordou sobre os custos numa produção, trazendo conceitos de matemática, estabeleceu-se a relação com os fatores climáticos que influenciam nos custos. Por sua vez, o uso dos NPKs influencia nos custos e na formação de uma angiosperma (Biologia), que depende de todos os aspectos anteriores.

Quero ressaltar a importância da minha amiga, companheira de percurso, hoje professora, Camila da Cunha parceira na realização de todos os planejamentos e destacar a importância do exercício coletivo da docência. A parceria na pesquisa, na observação, na troca de informações, no debate, inclusive nos embates, escolha de caminhos e alternativas fez do trabalho de estágio uma das etapas formativas importantes para a minha constituição de docência.

É comum ouvirmos da importância do exercício da docência com amor, dedicação, carinho, desprendimento. Sem dúvida, que esses elementos nos fortalecem. Entretanto, a docência se faz com planejamento, estudo, pesquisa, observação, perseverança e princípios.

Um cuidadoso planejamento foi essencial para a realização dos estágios durante a minha formação no curso. Segundo Rodrigues e Mohr (2014), “os planejamentos são muito importantes para a realização do trabalho do professor, uma vez que o auxiliam a refletir sobre as orientações que regulam o seu trabalho, sua prática pedagógica e o desempenho de seus alunos”. Desta forma tentou-se ser o mais detalhista possível para tentar “prever”, de certa forma, como seria o decorrer da aula. Em partes ocorreu exatamente como planejado, já em outras foi totalmente o contrário, mas nem por isso deixou de ser produtiva e enriquecedora.

Cabe ressaltar que não ter tido o contato no estágio com estudantes do Ensino Médio me deixou com a sensação de incompletude. Por outro lado, a experiência de poder participar das aulas de colegas durante a realização dos estágios compensadores o proporcionou uma aprendizagem com a qual não havíamos vivenciado quando das práticas desenvolvidas no Estágio do Ensino Fundamental. Ao olhar o exercício da prática do outro te coloca num lugar de empoderamento

docente, uma visão mais ampla deste exercício, das suas limitações e avanços. Esses momentos de reflexão ajudaram a refletir sobre as minhas práticas e a possibilidade de se reinventar em um período tão conturbado de pandemia da COVID19. A realização do estágio de forma remota era, naquele momento, a alternativa que possibilitou a sua realização naquele momento. Foi um momento difícil, mas de muitas aprendizagens com o uso de novas tecnologias, o preparo de aulas interativas e participativas.

Por isso encerro esta narrativa de estágio, trazendo um trecho do Projeto Pedagógico do Curso com o qual tanto me identifico.

É indispensável avançar na clareza teórica e de projeto para poder dar um salto de qualidade na luta política e nas práticas pedagógicas produzidas até aqui. É preciso construir teórica e politicamente o conteúdo e a forma desta educação voltada à realidade e às necessidades do campo. Para isso, são fundamentais três aspectos: manter viva a luta pela educação do campo; identificar as dimensões fundamentais da luta política a ser feita no momento atual; e seguir na construção do projeto político e pedagógico da educação do campo. Ao que se acrescenta: sempre com a referência no projeto histórico claramente definido e buscando aportes na teoria para melhor apreender o movimento do real.(PPC, 2015, s/p.).

### **3. REFLEXÕES SOBRE O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA A PARTIR DOS CONHECIMENTOS NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Nos anos de 2004 e 2005, já havia trabalhado na E.E.B. Silva Jardim, como professora act, das disciplinas de Geografia e Biologia, no entanto não foi uma experiência positiva, tanto que, por um longo tempo, até iniciar o curso de Licenciatura em Educação do Campo não me via mais como docente.

Com a entrada no curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática, passei a ver a educação, a sala de aula com outros olhos. Hoje consigo perceber o quanto é importante a formação de um professor. Quando isso acontece o estímulo na vida dos estudantes se torna fácil e para eles é uma tarefa menos árdua a se cumprir, que é a de estudar, e a permanência na escola por longos anos.

Mesmo durante a formação, retornei a lecionar, no ano de 2018, na E.E.B. Alexandre de Gusmão, no município de Bom Retiro, substituindo por 2 meses uma professora afastada para tratamento de saúde com as disciplinas de Artes e Ciências, um pouco insegura ainda, quando adentrava a sala de aula, mas aos poucos fui me enxergando como uma educadora que que tinha compromisso com a realidade do território, com a vida dos agricultores.

No ano seguinte, em 2019, fui convidada a lecionar a disciplina de Língua Portuguesa na Escola Básica Municipal Passo da Limeira no município de Alfredo Wagner, ao mesmo tempo que vivia as primeiras experiências de estágio no Ensino Fundamental. Um ano de muito aprendizado, pois ao mesmo tempo que vivenciava a formação para a docência diretamente pelo estágio vivia uma experiência do exercício da docência em outra área na qual não tinha domínio. O exercício da autonomia nos estudos, na busca pelo conhecimento, tão vivenciada no curso, teve que ser exercitada em dose dupla.

Nos anos de 2020 e 2021, através de chamada pública, consegui a vaga de 40 horas para lecionar a disciplina de Matemática para turmas do Ensino Fundamental da E.E.B. Alexandre de Gusmão. Finalmente, começava a exercer aulas dentro da minha área de formação. Em 2020, trabalhei com as turmas do 6º e 7º ano e no ano de 2021, com as turmas do 6º e 8º ano.

No final do ano de 2020, todos os professores contratados em caráter temporário (ACT's), pelo Estado de Santa Catarina, tiveram seus contratos

prorrogados devido ao momento pandêmico que se vivia, alguns precisaram ser remanejados de escolas e em caso de a vaga não existir no ano seguinte, em fevereiro, o professor o contrato encerrado. Posso afirmar, que financeiramente foi um momento de maior tranquilidade porque muitos trabalhadores estavam sendo dispensados.

No final do ano de 2021 ocorreu o processo seletivo para a rede de ensino estadual, e ocupação de vagas nos anos seguintes (2022 e 2023). Concorri no processo seletivo para as disciplinas de Matemática e Ciências, na Regional de São Joaquim. Fui aprovada, fiquei bem classificada, mas outra colega de curso, aprovada em primeiro lugar ocupou a vaga de minha preferência no município.

Neste momento também, já havia concluído as disciplinas teóricas e os estágios do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática, porém não havia conseguido dar início ao meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

Finalmente, no ano de 2022, por meio da chamada pública consegui a vaga de professora em caráter temporário para a disciplina de Física, na E.E.B. Silva Jardim, no município de Alfredo Wagner, município que resido. Novo desafio – atuar como docente no Ensino Médio. Até então eu só havia atuado no Ensino Fundamental e a experiência de estágio, mesmo exitosa, havia sido sem a presença dos estudantes. Desafio assumido, no qual permaneço até hoje.

Hoje posso dizer que sou preparada e administro as minhas aulas com muita segurança naquilo que ensino, devido a toda formação que tive com o curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática. No entanto, é necessário que estejamos sempre em busca de conhecimento, novos aperfeiçoamentos, nada pode ser estagnado, muito menos um professor.

A formação que o curso proporcionou foi fundamental na minha construção para a docência.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática, não me deu somente uma profissão, na qual tenho tanto amor e orgulho, mas, me transformou na mulher que sou hoje, me abriu a mente, me possibilitou a entender o porquê das coisas não serem da forma que achava que deveriam ser. Assim, quando um estudante tem dificuldade é preciso refletir sobre, o que o leva a ter essa dificuldade? Qual o seu contexto fora da sala de aula?. E, vejo que essa percepção é essencial quando se entra numa sala de aula.

E, essa percepção foram formadas a cada aula que se teve no curso, com falas de professores, que me marcam até hoje e levarei comigo para sempre, na qual venho citar algumas delas.

Professor Juliano Camillo: “Ana, está fazendo sentido? Fez sentido?”. E esse “sentido” no momento das aulas no curso, tentava relacionar com algo da minha realidade (agricultura, campo, escola). Hoje, tento levar isso para a sala de aula, na vida dos meus estudantes, “será que faz sentido”? Sempre me faço esse questionamento e isso me proporciona um crescimento como professora.

As aulas da professora Bia, principalmente a de análise das Políticas Públicas na Educação: “Pessoal, analisem a frase, qual a palavra que vem na frente: é dever da família e do estado”, carrego isso na minha mente até hoje, e afirmo que não só esta fala, mais outras que me possibilitam a todo processo seletivo e concurso que realizo ter uma boa classificação, pois lembro das suas colocações nas aulas que tivemos.

Assim, como as aulas do professor Juliano Espezim, com o seu raciocínio que entendia todas as diferentes formas de pensamentos lógicos que cada acadêmico desempenhava. Dentre tantos outros, que com falas, colocações, indagações me possibilitaram a chegar aonde estou e contribuíram tanto para a minha formação.

A formação docente no curso de licenciatura em educação do campo é um assunto primordial e tem a necessidade de que reflexões sejam feitas a todo instante. A formação de professores para atuar no contexto específico da educação do campo demanda uma abordagem diferenciada, que leve em consideração as especificidades e particularidades desse lugar.

[...] a formação de docentes atuantes nas escolas do campo deve ser voltada, de forma mais específica, para as características desse ambiente escolar, com vistas à melhoria da oferta, bem como maior rendimento escolar. Uma formação docente sem uma base teórica coerente que faça interligação entre teoria e prática, onde o aluno não é devidamente envolvido em seu processo de aprendizagem, faz com que haja um déficit nesse processo de ensino-aprendizagem, denotando uma qualidade de educação prejudicada. (MOLINA; HAGE, 2015, s/p).

Para tanto, uma das reflexões necessárias é a relevância de se incorporar conhecimentos específicos sobre a realidade do campo no currículo do curso. Isso

inclui conteúdos relacionados à agricultura familiar, agroecologia, sustentabilidade, entre outros. Os futuros professores precisam compreender as características do meio rural, a diversidade de modos de vida, a importância da valorização da cultura local e conhecer os sujeitos que ali residem.

Além disso, é necessário refletir sobre a metodologia de ensino que deve ser adotada nesse contexto. A educação do campo demanda práticas pedagógicas que favoreçam a participação ativa dos estudantes, o diálogo, a interdisciplinaridade e a construção coletiva do conhecimento. Os futuros professores precisam ser preparados para desenvolver estratégias pedagógicas que considerem a oralidade, a escrita, a leitura e a matemática, podendo utilizar recursos como a pedagogia da alternância, por exemplo.

No entanto, a pedagogia da alternância é uma abordagem educacional voltada para a realidade do campo, que busca integrar os conhecimentos teóricos e práticos através de períodos alternados de estudos em instituições de ensino e práticas no campo. Esse modelo de educação visa superar as desigualdades existentes entre o campo e a cidade, proporcionando aos jovens do campo uma formação integral e específica para a realidade agrícola e rural. Ele valoriza a cultura e os saberes locais, promovendo o desenvolvimento sustentável das comunidades rurais.

A escola deve respeitar as raízes culturais dos educandos, raízes essas que ele adquire com a família, amigos ou com a participação num determinado grupo social. [...] os cursos de formação de professores, de uma forma geral, não têm uma preparação específica para formar um educador pronto para atuar nas escolas do campo (até porque nunca se fica pronto), mas é necessário pelo menos ter uma afinidade com o conhecimento destes educandos e estarem prontos para aprender com eles. [...] (MULLER & KLOCK apud FAGUNDES, 2013. p. 230-231).

E, é nesse âmbito, que a educação do campo se torna primordial na formação dos educadores, abordando sobre uma formação que priorize os saberes locais, a vivência desses jovens, assim como todo o contexto que faz parte da sua vida.

Outro ponto de reflexão é a importância de se promover uma articulação entre teoria e prática ao longo do curso. Os futuros professores precisam ter a oportunidade de vivenciar experiências reais de ensino, por meio de estágios, visitas a escolas do



campo, participação em projetos de extensão, assim como os seminários de socialização.

Para tanto, Marques traz que “o estágio Supervisionado é parte do currículo da Universidade que serve como aproximação da realidade que cada novo profissional irá vivenciar, bem como, uma reflexão de sua atuação como agente transformador na sociedade” (2000, p.236). Contudo, essas vivências permitem que eles compreendam melhor a realidade dos estudantes e desenvolvam habilidades para atuar de forma efetiva.

Nesse sentido, a formação de educadores do campo deve contemplar a leitura da realidade como um dos elementos centrais do processo formativo. Para isso, é fundamental que os futuros educadores tenham contato com as práticas e as experiências vivenciadas pelos estudantes, por meio de estágios, visitas a comunidades rurais, vivências na realidade local que permitam uma maior aproximação com a realidade dos estudantes do campo.

Além disso, é importante que a formação de educadores do campo conte com disciplinas que abordem questões específicas relacionadas à educação rural, como as políticas públicas para o campo, a pedagogia da alternância, a educação contextualizada, entre outros temas.

A leitura da realidade na formação de educadores do campo contribui para que esses profissionais estejam preparados para atuar com qualidade e compromisso com as demandas e necessidades da educação do campo, buscando a valorização da cultura, da identidade e dos saberes locais dos estudantes que vivem e estudam nessas áreas.

É fundamental que se faça uma reflexão sobre a necessidade de formar professores que sejam sensíveis às questões sociais e políticas do campo. Os futuros docentes precisam compreender e se engajar nas lutas por uma educação de qualidade, pela valorização do trabalho no campo e por melhores condições de vida para os agricultores familiares. A formação docente precisa estimular o comprometimento dos futuros professores com a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa, promovendo assim a equidade entre esses sujeitos.

Nesse paradigma, o docente precisa desconstruir a fala que se ouve dos jovens que tendem a permanecer no campo, na agricultura, de que “Pra quê vou estudar, se vou continuar na roça?”. Como se o campo, tivesse que ser o lugar do

“atraso”, destituído de conhecimentos próprios e sem acesso ao conhecimento sistematizado.

Ainda, nesse parâmetro, adentramos na questão da interdisciplinaridade que é uma abordagem pedagógica que visa a busca e a integração de diferentes áreas de conhecimento para a compreensão de determinados assuntos. Na área da educação do campo, a interdisciplinaridade é primordial, pois permite a articulação de conhecimentos das ciências sociais, naturais e humanas para uma compreensão mais completa das realidades rurais. No caso, do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática, tem o seu enfoque para as suas áreas de conhecimento (Ciências, Física, Química, Biologia e a Matemática).

A educação do campo é uma área específica que visa promover a educação nas comunidades rurais, de difícil acesso a uma Universidade, levando em consideração as particularidades desses sujeitos que ali vivem. Nesse sentido, a interdisciplinaridade se faz necessária para compreender a realidade rural de forma abrangente, considerando aspectos como a produção agrícola, os saberes locais, como a comunidade é organizada socialmente e as demandas específicas da população do campo.

É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. (BRASIL, 1999, p.76).

Além do mais, ela tem por objetivo promover a integração de diferentes áreas de conhecimento, como a agroecologia, economia, história, aspectos geográficos, entre outras áreas. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais ampla e contextualizada das questões do campo, levando em conta fatores econômicos, culturais, sociais e ambientais.

Além disso, a interdisciplinaridade estimula a reflexão crítica dos estudantes, o desenvolvimento do pensamento sistêmico e a aplicação dos conhecimentos de forma prática e relevante para as comunidades rurais. Ela também contribui para a formação de profissionais mais capacitados e conscientes de seu papel na promoção do desenvolvimento sustentável e da justiça social no campo. Mas, para isso, é

necessário que esse educador assuma a interdisciplinaridade para dentro de si com autonomia e não a deixe somente nas entrelinhas.

Portanto, ela é uma abordagem fundamental na educação do campo, permitindo a integração de diferentes áreas de conhecimento para uma compreensão mais completa das realidades rurais e formação de profissionais mais preparados para atuar de forma efetiva junto às comunidades rurais.

Posso afirmar que quando falo em interdisciplinaridade não me refiro somente a trabalhar com várias disciplinas todas recortadas tentando um encaixe uma na outra. Interdisciplinar é construção, é leitura de realidade, é reflexão, é transformar o campo e a educação do campo em possibilidade, é transformar a escola em campo, encharcá-la de possibilidades. É um desafio gigantesco, mas cheio de possibilidades na formação de um docente consciente de seu papel emancipador. É preciso avançar na perspectiva curricular para as escolas do campo. Na maioria das nossas escolas o método de ensino ainda é conteudista.

Ao olhar para o curso penso que poderíamos ter tratado com mais profundidade alguns conceitos que hoje são essenciais para minhas aulas. No entanto, aprendi como busca-los, e principalmente constatar que a formação do docente necessita ser contínua, uma constante busca do conhecimento.

A formação docente no curso de licenciatura em educação do campo exige reflexões constantes que considerem a realidade do campo, suas especificidades e desafios. É essencial que os futuros professores sejam preparados para atuar de forma efetiva nesse contexto, valorizando a cultura local, promovendo práticas pedagógicas participativas e desenvolvendo um comprometimento social com um campo repleto de vida – de sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo, realizar reflexões acerca da construção da docência no Curso de Educação do Campo e envolve uma série de questionamentos e desafios. Um dos primeiros aspectos merecedores de reflexão está na compreensão do que é a Educação do Campo e qual o papel do professor nesse contexto.

A Educação do Campo tem a finalidade de promover uma educação voltada para as especificidades e necessidades dos sujeitos que vivem e trabalham no campo. Diferentemente da Educação Rural, que busca adaptar conteúdo da cidade para o campo, a Educação do Campo possui uma abordagem mais ampla, que busca valorizar os conhecimentos, os saberes locais e práticas dos sujeitos que ali vivem.

Nesse sentido, a construção da docência no Curso de Educação do Campo deve ir além da transmissão de conhecimentos técnicos e teóricos. O docente deve estar preparado para atuar de forma contextualizada, valorizando as vivências e experiências dos estudantes, e buscando uma aprendizagem significativa.

Outro desafio na construção da docência no Curso de Educação do Campo é a formação dos professores. É necessário garantir uma formação inicial e continuada que prepare os docentes para atuarem de forma crítica, reflexiva e comprometida com a realidade do campo. Isso implica em repensar o currículo do curso de licenciatura em Educação do Campo e repensar as necessidades dos estudantes que ali estão.

Um fator crucial na formação dos docentes do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza e Matemática, da UFSC, foi o contato com a pedagogia da alternância, além das abordagens por área de conhecimento e a da interdisciplinaridade. De acordo com Caldart, (2011, p.107) “[...] a docência por área tem a perspectiva de constituir equipes docentes fortalecendo a proposta de um trabalho integrado em vista de superar a lógica da fragmentação curricular e seu afastamento das questões da realidade”. Para tanto, foi essencial o preparo do corpo docente do curso na hora de alguma abordagem interdisciplinar e da realização dos estágios por área de conhecimento.

A pedagogia da alternância possibilitou a construção de um conhecimento mais significativo, pois se teve a oportunidade de vivenciar a teoria na prática por meio dos estágios e da vivência nos períodos de alternância. Isso contribui para o

desenvolvimento de habilidades e competências essenciais para a vida no campo, como o trabalho em equipe, a responsabilidade, a autonomia e hoje para a atuação na sala de aula. E, além disso, em diversos momentos se abordou os três momentos pedagógicos: a problematização inicial, a organização do conhecimento e a aplicação do conhecimento, que são cruciais para a abordagem da realidade dos nossos estudantes.

Cabe ainda, ressaltar a importância dos estágios na educação do campo, pois com ele foi possível compreender a necessidade de adaptar as estratégias educacionais ao contexto e às necessidades específicas das comunidades rurais para com os sujeitos do campo. A abordagem por área de conhecimento nos estágios, nos mostra que geralmente, é possível trabalhar a interdisciplinaridade através de uma problemática local.

Vivenciar as experiências de Tempo Comunidade – Vivências e Estágios - também ajuda os estudantes a desenvolverem uma compreensão mais profunda das realidades e das questões sociais enfrentadas pelas comunidades rurais, ou seja, conhecer o seu estudante. Isso inclui o entendimento da importância da agricultura para a economia local, a necessidade de preservação ambiental, o impacto das migrações para as áreas urbanas e até mesmo “o porquê de não gostar de estudar”.

Os estágios na educação do campo também podem oferecer aos estudantes a oportunidade de aprender com os professores e educadores experientes que trabalham nessas áreas. Através do trabalho próximo com esses profissionais, os estagiários têm a oportunidade de adquirir habilidades práticas, como planejamento de aulas, gerenciamento de sala de aula e estratégias de ensino adaptadas às necessidades únicas da realidade local.

Finalmente, refletir sobre o processo de formação contribuiu para minha constituição enquanto docente da/na Educação do Campo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFREDO WAGNER. Secretaria Municipal de Educação. Escola Básica Passo da Limeira. **PPP**. Alfredo Wagner, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei nº 9.394 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Referências para uma política nacional de educação do campo: caderno de subsídios**. Coordenação: Marise Nogueira Ramos, Telma Maria Moreira, Clarice Aparecida dos Santos. 2.ed. Brasília: MEC, SECAD, 2005.

BRITTO, Neli Suzana, GUERRERO, Patricia.(Organizadoras) Campo, ciências da natureza e matemática e agroecologia: fios e sujeitos que teceram uma década da licenciatura em educação do campo ds \ufsc. 1 ed. Tubarão: Copiart, 2021.

Caldart, R. S. **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília: MDA/SEMTEC, 2008.

\_\_\_\_\_. Licenciatura em educação do campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área?. In: MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. (Org.) **Licenciaturas em educação do campo: registros e reflexões a partir das experiências-piloto**. (UFMG; UnB; UFBA e UFS). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. **Sobre Educação do Campo**. In: MUNARIM, Antonio; SCHMIDT, Wilson. Educação do Campo e as Políticas Públicas: Subsídios ao Dirigente Municipal de Educação. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2013.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. (Org.). Projeto Político Pedagógico nas Escolas do Campo. Matinhos: Editora UFPR Litoral, 2013.

FLORIANÓPOLIS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Florianópolis: UFSC, 2009.

FLORIANÓPOLIS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Projeto de Adaptação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Florianópolis: UFSC, 2015.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civas no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HUDLER, T. G. S. **Em Questão: os processos investigativos na formação inicial de educadores do campo – área de ciências da natureza e matemática**.

Florianópolis, SC: 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica. Centro de Ciências Físicas e Matemáticas. Universidade Federal de Santa Catarina.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MARQUES, Mário Osório. **A Formação do Profissional da Educação**. Ijuí: UNIJUI, 2000.

MOHR, Adriana; RODRIGUES, Larissa. **O PLANEJAMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NA PRÁTICA DE PROFESSORES DE BIOLOGIA DE FLORIANÓPOLIS/SC**. Revista Sbenbio, n 7, outubro de 2014.

MOLINA, M. C.; HAGE, S. M. **Política de Formação de Educadores do Campo no Contexto da Expansão da Educação Superior**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 51, n. 37, p. 121-146, jan./abr. 2015.

MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma Educação no Campo**. 4 ed. – Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2009.

MUNARIM, Antonio; SCHMIDT, Wilson. **Educação do Campo e as Políticas Públicas: Subsídios ao Dirigente Municipal de Educação**. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2013.

MUNARIM, Antonio et all. **Educação do Campo: reflexões e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2010.

Munarim, Antonio **Trajetória do Movimento Nacional de Educação do Campo no Brasil Educação**. Revista do Centro de Educação, vol. 33, núm. 1, enero-abril, 2008.

QUEIROZ, João Batista Pereira. **A Educação do Campo no Brasil e a Construção das Escolas do Campo**. Revista NERA, ano 14, nº18, jan/jun, 2011, p.27-46.

REIS, Simone. **Valorização do Professor? Uma leitura resistente de um texto unidirecional**. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 13, n. 2, p. 495-523, jul-dez, 2010.

SANTOS, Ramofly Bicalho. **História da Educação do Campo no Brasil: O protagonismo dos movimentos sociais**. Campinas: Komedi, 2017.

SILVA, Jussara Mariotti; EGER, Valquiria Steinhauser. **Trabalho Final Sobre Pesquisa no Tempo Comunidade Escola Básica Passo da Limeira - Artigo Fechamento da Escola Isolada Vila Catuíra**. Alfredo Wagner, 2018.